

# OS CADÁVERES SÃO BONS PARA ESCONDER MINAS

Teatrão

T 20 OUT-13 NOV 2022

TER, QUA e DOM 19h · QUI e SEX 21h30 · OMT · M16 · Dur. 1h20

*Os Cadáveres São Bons Para Esconder Minas* encerra a narrativa que o Teatrão construiu desde 2018 denominada CASA e que enquadrou *A Casa Portuguesa*, *A Casa do Poder* e *A Casa Fora de Casa*, os ciclos de criação dedicados ao Estado Novo, à Europa, à Família e à Guerra. A CASA foi o motor para investigar, discutir e criar artisticamente objetos que discutam o presente e o lastro histórico que carregamos sem discutir e superar.

Com dramaturgia original de Jorge Palinhos, a ficção apoia-se numa pesquisa documental baseada em testemunhos de soldados mobilizados para a Guerra do Ultramar, feita em parceria com o Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes e o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

DRAMATURGIA DE JORGE PALINHOS  
ENCENAÇÃO DE ISABEL CRAVEIRO

DE CRIAÇÃO TEATRÃO EM  
COPRODUÇÃO COM TEATRO  
MUNICIPAL JOAQUIM BENITE /  
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

SESSÕES ACESSÍVEIS  
6 NOV, 19h: Audiodescrição  
30 OUT 19h e 5 NOV 21h30:  
Interpretação em  
Língua Gestual Portuguesa  
(em colaboração com a Licenciatura  
em LCP da ESEC)

**S**ou filha de um ex-combatente da Guerra Colonial, mobilizado para o C.P.I. da Guiné, em 1966. O meu pai faleceu com 40 anos, em 1983, era alcoólico. Nasci em 1973. Sempre quis saber a sua história. Parte dela tem a ver com a Guerra. Estes factos não determinaram esta criação. Este espetáculo não é sobre o meu pai. Mas claro que ele o habita, porque ele está em mim. Ele é tempo presente.

Este espetáculo levou-nos a entrevistar ex-combatentes, esposas e ex-esposas de combatentes que fazem atualmente terapia no Centro de Apoio Médico, Psicológico e Social (CAPS-4) da Liga dos Combatentes de Coimbra. Fomos confrontados de imediato com aquilo que, na verdade, nos motivou para o projeto, a Guerra Colonial é assunto do presente e não do passado. É uma questão complexa, dolorosa, que envergonha, embaraça, incomoda políticos e sociedade em geral, que não soubemos ou não pudemos tratar. É um conflito entre a necessidade de lembrar e esquecer. Semanalmente, eu e o Jorge Palinhos, entrevistámos homens e mulheres que engolem e vomitam o passado e o presente doloroso, como se de um outro tempo se tratasse, que corre mas não sai do lugar. **ISABEL CRAVEIRO**



**Na última década  
estuda-se mais, fala-se  
mais, cria-se mais,  
discute-se mais a partir  
do passado colonial.**

**Este espetáculo discute,  
50 anos depois, o tempo  
único passado/presente  
que habita a cabeça de  
ex-combatentes com  
diagnóstico de stress  
pós-traumático. Parte  
dos-seus testemunhos.**





**N**Na casa onde cresci havia isto: uma catana, estandartes de vários regimentos sedeados em África, quadros de inspiração oriental comprados em Moçambique, uma pistola de serviço que o meu pai guardava numa gaveta junto à cama, e que ocasionalmente oleava e verificava as balas. Nunca ninguém me disse de onde vinham estes objetos e, no entanto, eu sempre soube. A guerra: aquela que toda a gente conhecia e de que ninguém falava.

Seria fácil falar da ideia popularizada por José Gil de que Portugal seria um país sem memória. Só que a memória é um gesto. Um esforço deliberado de guardar o passado. E toda a gente sabia que a guerra que Portugal manteve nas suas colónias entre 1961 e 1974 era para esquecer.

Mas se a memória implica esforço, o seu contrário, o esquecimento, também. Pois o passado não é mais do que o chão que pisamos, mesmo quando raramente olhamos para ele. E para este espectáculo procurou-se principalmente a pesquisa, de resgatar testemunhos, lembranças, que nos mostrassem como a guerra permanece invisível entre nós.

É, portanto, uma peça sobre a impossibilidade do esquecimento e da memória, e sobre as suas mais invisíveis vítimas em Portugal: os soldados da Guerra Colonial, que ainda a carregam no corpo e na alma, e são o húmus para que ela continue a dar os frutos amargos que insistimos em não ver. **JORGE PALINHOS**



## ATIVIDADE PARALELA

A colaboração entre pensadores, investigadores, intelectuais e a criação artística é fundamental para um olhar crítico e transformador do mundo contemporâneo. No caso do Teatrão, apostado em inspirar o seu público com criações que o interrogam e mobilizam sobre o estado atual do mundo, tem-se construído uma relação muito sólida de trabalho, de múltiplos formatos, com o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES-UC). Com outros Centros de Investigação locais, nacionais e internacionais também, mas o CES é um parceiro fundamental e inspirador para a nossa atividade. É nesse contexto que surge, associada ao espetáculo, a conversa Guerra Colonial — Tempo

Presente, dia 29 de outubro, às 18h. Conversaremos com o público sobre a forma como o passado da Guerra Colonial se manifesta no tempo presente. Para tal, contaremos com as abordagens mais subjetivas e pessoais às mais sociais e políticas, colocadas pelos nossos convidados.

Com Miguel Cardina, investigador do CES, coordenador do projeto «CROME — Crossed Memories, Politics of Silence. The Colonial-Liberation Wars in Postcolonial Times», Luísa Sales, psiquiatra, coordenadora do Observatório do Trauma(CES) e Jorge Palinhos, dramaturgo. A moderação ficará a cargo de Isabel Craveiro, encenadora do espetáculo.

## PRÓXIMO ESPETÁCULO (TEATRO)

### Diário de uma República

Pela Amarelo Silvestre

### PROGRAMAÇÃO DO CENTRO

24 NOV · 19h · OMT

## FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

**DRAMATURGIA** Jorge Palinhos

**ENCENAÇÃO** Isabel Craveiro

**INTERPRETAÇÃO** Afonso Abreu, David Meco, Diogo Simões, João Santos, Teosson Chau

**DIREÇÃO MUSICAL E PREPARAÇÃO VOCAL**

Rui Lúcio

**CENOGRAFIA E FIGURINOS** Filipa Malva

**DESENHO DE LUZ** Jonathan Azevedo

**SONOPLASTIA** Nuno Pompeu

**GRAFISMO** Studio And Paul

**FOTOGRAFIA** Carlos Gomes

**CABELEIREIRO** Carlos Gago

(Ilídio Design)

**COSTUREIRA** Albertina Vilela

**OPERAÇÃO DE LUZ E SOM**

Jonathan Azevedo

e Nuno Pompeu

**DIREÇÃO DE PRODUÇÃO**

Isabel Craveiro

**PRODUÇÃO EXECUTIVA**

Cátia Oliveira, João Santos

**INTERPRETAÇÃO EM LCP**

Andreia Esteves, Diana Ribeiro e Inês Lino (ESEC)

**MONTAGEM** Diogo Figueiredo,

Jonathan Azevedo,

Nuno Pompeu, Simão Lopes

**DIREÇÃO TÉCNICA** Jonathan Azevedo

**TEASER VÍDEO** Bruno Simões

**COMUNICAÇÃO** Margarida Sousa

**FRENTE DE CASA E BAR**

Beatriz Guinapo, Clara Alves,

Filipe Gomes, Gabriela Martins,

Guilherme Curado,

Isabel Batista, Laura Costa,

Margarida Quadros,

Mariana Martins, Matilde Pereira

## AGRADECIMENTOS

A todos os ex-combatentes entrevistados, Associação

de Deficientes das Forças Armadas, Dra. Ana Melo, Dra.

Catarina Gonçalves, Dra. Luísa Sales, Liga dos Combatentes:

Tenente Coronel João Paulino,

Manuel Lof, Ricardo Melo

e Sílvio Rajado, Pastelaria Vale das Flores, Pastelaria Padaria

Doce Brasil